A ÁGUIA

ORGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

14

100 rs

RENASCENÇA

(SECULO XVI)

1.º PERIODO: OS QUINHENTISTAS

No **seculo** XVI, justamente denominado o maior seculo da historia, é incorporada a burguezia na ordem social moderna e estabelecida a independencia do Poder real, que pelo seu Imperialismo, avançava para a dictadura militar das Monarchias absolutas. Esta transformação politica foi simultanea com uma modificação profunda do estado mental, que se exprime pela designação complexa de Renascença, em que a par de uma grande liberdade de espirito critico, se liga um excessivo respeito ás obras da Antiguidade classica, objecto exclusivo da cultura do Humanismo. A Realeza imperialista favorecia essa auctoridade doutrinaria, que vulgarisava a theoria da *Monarchia universal,* sonho megalomanico dos reis, que no seculo XVI tentaram remodelar por ella o equilibrio europeu. Com a crise do Imperialismo envolveu-se o conflicto do Catholicismo, favorecendo, pelo seu universalismo theocratico, as ambições de Carlos V, e pelo resurgimento das autonomias nacionaes o Protestantismo na Allemanha e na Inglaterra.

O livre espirito afastava-se das côrtes, e encontrava na burguezia um meio pacifico e o estimulo para a idealisação da realidade; viu-se isto no genio portuguez, essencialmente votado ao trabalho pacifico, no qual — "actuava aquella excitação intellectual, de confiança jocunda e de audacia, que em certos seculos duplicam a potencia do genio." (1) O que se reconhece na floração hellenica, observa-se em Portugal na grande epoca dos Quinhentistas, pela audacia individual que alarga e radica os novos Descobrimentos geographicos; a intellectualidade portugueza exerce-se influindo no Humanismo europeu, e nos trabalhos nauticos e mathematicos, no meio dos conflictos da absorpção iberica do *Castelhanismo,* coadjuvado pela acção catholica por meio das hecatombes da Inquisição, e da perversão moral da Companhia de Jesus. Esta excitação intellectual, é que fez com que Portugal cooperasse no esplendor da Renascença de um modo directo, sem prevêr que o castelhanismo da côrte preparava a extincção da nacionalidade.

O grande quadro da historia geral na Europa, quer na época pre-romana, na Edade Media, e na Renascença, assenta sobre o conflicto dos *homens medianos* do Sul *(Homo Asiaticus,* brachycephalo) com os homens corpulentos do Norte *(Homo Europeus,* dolichocephalo, louro), sustentando actividade pacifica, agricola, in-

(1) Croizet. *Hist. de la Litterature grecque,* t. V. p. 384.

dustrial e mercantil, contra as invasões e occupações armadas de tribus nomadas, que se uniam militarmente para a depredação. Foi o primeiro conflicto, seis seculos antes da éra moderna, dos Celtas corpulentos e louros contra os Ligures, destruindo as suas ligas federativas; continuaram essa corrente as tribus germanicas, que se arrojaram sobre o Occidente apoderando-se dos destroços do Imperio romano, fundando a fórma social militarista do Feudalismo, em que toda a dignidade residia na esterilidade de uma aristocracia guerreira e o trabalho era o estigma da inferioridade pessoal ou da servidão. Este regimen Catholico-feudal, assim denominado, porque a Egreja é que favoreceu os barbaros germanos para a occupação da Italia, da França e da Hespanha, caracterisa completamente a *Edade média*, que póde bem definir-se a *phase do Germanismo triumphante*. Sob a pressão das Monarchias absolutas e do obscurantismo catholico, perdeu-se o conhecimento da cultura greco-romana: ficaram os costumes populares, entregues á sua espontanea estabilidade, constituindo os germens vitaes das novas litteraturas.

A Renascença foi a renovação da acção mental e social da Grecia e de Roma, em que o conflicto dos homens medianos do Sul, tendo reconstituido a sua civilisação, fortificados por esse espirito da occidentalidade, submetteram os povos germanicos á cultura humanista (Hellenismo) e á disciplina juridica (Romanismo.) N'esta crise complicada, ficaram desconhecidos os elementos tradicionaes populares, das classes servas que se tinham identificado com os lites germanicos; mas o *Romantismo*, no principio do seculo XIX fez a integração d'estes elementos tradicionaes nas manifestações estheticas do genio das modernas nacionalidades.

Quando começou a Renascença? Segundo Lange, na *Historia do Materialismo*, este phenomeno complexo começa no seculo XV, abrange todo o seculo XVI e prolonga-se até ao XVII, apresentando differentes aspectos, conforme as variadas phases da demorada crise da decomposição do Regimen catholico-feudal. Prevaleceu o Poder real sobre a theocracia da Edade média, e a burguezia industrial sobre o feudalismo militar; os grandes Descobrimentos maritimos dos Portuguezes determinaram a actividade pacifica, normal, e o desenvolvimento da classe média, como tambem o conhecimento das duas litteraturas classicas fizeram do humanismo a reacção contra o dogmatismo theologico. Os eruditos da Renascença repelliram com desdem as creações medievaes pela imperfeição da forma, e no seu fervor exclusivo da admiração da Antiguidade, a Renascença apresentou-se sob o aspecto *philologico e artistico*. Com a reacção catholica ou renascença christã, que se denominou o Protestantismo ou a Reforma, a Renascença tomou um caracter especialmente *theologico e critico*. Pelas Navegações portuguezas e circumducção do globo, prevaleceu a concepção astronomica do systema planetario, preparando a corrente experimentalista, e a Renascença completa-se na sua actividade *scientifica e philosophica*. Em todas estas phases fundamentaes está altamente representado o genio portuguez. E é justamente n'este seculo XVI, que duas fortes correntes acturam na

desnacionalisação de Portugal, o *Castelhanismo* (com os casamentos reaes, conduzindo á unificação iberica, e acção catholica pela Inquisição e Jesuitas), e a cultura greco-romana ou o Humanismo, coadjuvando as ambições imperialistas, obliterando a vitalidade popular.

Os grandes descobrimentos, que tinham suscitado as extraordinarias energias de Portugal, actuaram concomitantemente na sua decadencia; o novo equilibrio dos Estados peninsulares depois da Conquista de Granada e do descobrimento da America assentou sobre a preponderancia do *Castelhanismo*, que se acha alliado com a unidade catholica hostil a todo o sentimento de patria. A corrupção da nobreza, de origem castelhana, pelo ouro da India, e a cretinisação do povo pelo terror religioso das fogueiras dos Autos de Fé, coadjuvavam o apagamento da consciencia nacional. A propria cultura humanista, degenerada pela acção deleteria da pedagogia jesuitica, veiu amesquinhar a capacidade esthetica tão caracteristica da alma portugueza.

Um phenomeno extraordinario: apesar de todas estas correntes depressivas, em que a nação foi envolvida pelos interesses da Casa de Austria e pelas perturbações do equilibrio europeu, nunca o genio portuguez brilhou tão esplendidamente como n'esse periodo dos Quinhentistas; todas as suas manifestações affectivas e especulativas vigorisaram-se pela acção, e máo grado as influencias sobre o meio social por via dos cruzamentos e dos conflictos de instiuições que alteravam a vida do povo portuguez, persistiu a *psychologia collectiva* d'esse elemento ethnico, mantido pela insularidade regional, e assim póde a poesia dramatica, lyrica e épica, a pintura, a musica e a architectura serem a expressão viva do *lusismo*. O que apparecia como um paradoxo, era uma consequencia natural.

Theophilo Braga.

Da «Renascença», a sair breve da Livraria Chardron.

Romaria das Árvores

Ergueu a Mão de Deus a minha fronte!

Minh'Alma estremeceu... E o meu olhar
Desabroxou em flama...
E o meu Corpo gemeu como um infante insonte
Que arrancassem ao peito da sua ama...

A Natureza...
A Natureza vai a comungar,

E a Noite esmaia... e beija-a com fervôr
E envolve-a num abraço de tristeza.

O meu olhar alteia-se em desvairo
— E flôr-alada em rutilante pairo
Semeia luz e côr
Nas vias-sacras doloridas do horisonte.

Ergueu a Mão de Deus a minha fronte!

Ó sombras-sacerdotes do mysterio!
Ó côro eterio,
Ó côro eterio de matinas!
Religioso rito
De sombras foragidas...
Ó almas recolhidas no Infinito!
Musicas sacras em surdinas,
E gestos de oração e bençam calma
De sombras recolhidas...
Ó almas foragidas da Minh'Alma!

Ó nuvens do Levante!
Apocalypse num delirio errante...
Maceraçõis...
Lado-Magoado do Senhor...
Ó aspersõis,
Aspersõis de agua
E magua
E sangue rubro, redemptôr...
Erguer-da-Hostia — encharistia — amanhecer —
Epiphanias — ascensõis — divinas médas...
Sonho-transfuga
De almas a arder...

Ó labaredas
Do meu fremente coração em fuga!

Eu vou subir o Monte...
Deus—dá-me a tua taça
De agonia.
E unge a minha dolorosa fronte
Da tua Graça.
Ó Christo—dá-me a tua dôr
E alegria.
Quero beber,
Adormecer,
Desfalecer,
Na cruz dos braços
Do meu Amôr!

Trago na minha mão
O coração.
Ergo-o bem alto nos espaços...
Ergo-o tão longe na divina Altura
Que toca deslumbrando a Estrela-da-Manhã.
E a sua luz acaricia e transfigura,
Em afagos dulcissimos de Irmã,
A Sombra que procura,
Enlouquecida, desgrenhada, em furia, em pranto,
O seu palacio feérico de encanto.

Trago na minha mão
O coração.
Ergo-o bem longe na divina Altura...
Ergo-o tão alto nos sagrados céus
Que toca deslumbrando o coração de Deus.

É uma lyra
De cordas flamejantes,
Tangida pela brisa das Espheras...
Sua Luz-Harmonia
Evola-se, delira...
Acorda as mortes-vivas espectantes,
Resurge as vidas-mortas de outras Eras,
E guia,
Em nevoa, em sonho, em candida romagem,
As Árvores despertas da Paysagem...

Sua Luz-Harmonia
Evola-se, delira...
E desce e desce...
E amanhece
O Novo-Dia.

É uma lyra

De cordas flamejantes,
Meu coração!
E canta,
E encanta,
E guia,
Em procissão,
Em nevoa e sonho e romaria,
As Árvores-Andantes!

Ó nuvens do Nascente!
Eucharistia...
Ó luz amargurada do Peonte
Da noite...
Berço de bruma e côr
Onde se embale e afoite
A Dôr
Duma Nova-Alegria!

Linda capela do Senhor da Luz!
Altar de névoa erguido sobre o Monte!
Dos longes indistinctos do horisonte
Veem romeiros rôtos, seminús...
São Árvores de aspeito vil, tristonho...
E arripiam as carnes, sob o açoite
Do vento, maltrapidas pela noite,
Num manto leve de penumbra e sonho.

Irrompem, num desvairo, das alfombras,
E desgrenhadas torcem mãos piedosas,
E entôam ladainhas dolorosas,
—Doidos fugindo ás suas proprias sombras...
E, arquejantes, por noites sem luar,
Nos barrancos deslocam os giolhos...
Olham alucinadas—e os seus olhos
Andam perdidos do seu proprio olhar!

Ó Árvores amigas!
Ó geraçõis antigas
De meus Avôs...
Vêde—fitai-me bem—sou como vós.

—Nos meus olhos em extase e deslumbro,
Nos meus olhos de assombro,—
Ha nos meus olhos ermos e profundos,
Contemplação,
Distante e vaga,
Em projecção,
Do meu Sêr, no Infinito
Dos tempos e dos mundos...
Plaga em plaga,
Fraga em fraga,

Nos montes, vales e florestas murmurantes...
Eu sou raiz e flôr,
Roble profético e bemdito,
Arbustos rasteirinhos,
Heras e musgos rastejantes,
Hervaçaes dos caminhos,
—Em maravilha e mytho
E Amôr!

Meu Sêr é Árvore somnambula que invoca
As religiosas aguas.
Lançou sua raiz á ventura pelas fraguas...!
E sangue em sangue, e fogo em fogo, já sufoca
Na fonte mystica das minhas maguas...

Ergo as trémulas mãos, a Deus, em prece,
—Terrôr de Encanto!—
—Visão de Espanto!—
Meu Coração transborda e Minh'Alma estremece...

Lavra em meu seio, a arder, fogo latente,
E me ilumina e ergue em vôo de luz ao ceu...
E o proprio lenho sacro, a arder, pelo Nascente,
Foi meu divino olhar que o incendeu!

Ó Árvores Irmãs... Irmãs piedosas...
Segui o vôo da luz do meu olhar!
Vêde—nas minhas mãos religiosas
Flórem preces de flôr a murmurar...

Já não sou corpo de materia e treva...
Já não prendo minh'alma á terra escura...
Meu corpo é fogo e sangue que fulgura,
Minh'alma é fumo que se eleva!

Raiva em mim um ardôr que nada acalma...
Embebedei-me—enlouqueci—divinamente...
Rompem incendios de almas na Minh'Alma!

Essa taça de luz amanhecente,
Que Deus me deu,
Ao meu labio a levei sequiosamente.

Desvairado, nostálgico Hierophante...
Sou Christo-Orpheu!
Guio na terra o Arvoredo-Andante...

E Árvore-Humana, esguia, olhando os céus,
Regresso a Deus!...

Antonio Cobeira

CASA DAS SOMBRAS

A Mario Beirão

Villa Cova era o antigo morgadio dos Villalvas e Vieiras. Fica a mais de legua da velha séde de Bayão, abaixo da Senhora do Loureiro, antes dos bravios que contrafortalecem as primeiras serras de Amarante. E' um plano baixo de campos de nateiro, cercado de montes mal vestidos de urze.

Os campos, de boa funda, banhados das levadas, que cortam as serras proximas, desdobram-se, luxuriantes, em pelliças verdes. Os montes abandonados das levadas, cerdosos de matto bravo, vivem das madrugadas humidas, das brumas.

Quando o meio dia desce aos campos, fulgem dos nateiros talhos brancos e brilhantes, que lembram tiras de espelho.

A velha casa dos Villalvas é hoje um pardieiro desconjunctado, erguido entre macieiras lorgadas, que suspendem labyrinthos de ramaria esteril, esfolhando-se sobre os telhados negros. Os rasgões da cantaria, o inclinado dos pannos, a luz amarello-verde, coada pelo canniço das pernadas, como as ruinas da capella e o terreiro claustral são bem de molde a enscenar recordações! A casa lembra uma ossada que a Saudade possue e gasta n'aquella cova, estofada de searas...

Parece haver ainda nas suas ruinas uma lenta expressão de soffrimento! As macieiras, complicadas pela edade, lançando á ventura tufos de folhada, encobriram o velho quadrante, que outr'ora marcára á triste casa tantas sombras boas,—alegrias que o tempo cansou.

O Destino deu por inutil o pobre quadrante, substituindo-o por outro maior, a ramaria escura, um verdadeiro relogio de penumbras! Relogio doloroso da meia luz, que durante o dia esbate em sombra *rictus* de dor, sobre a cantaria livida do casario—esqueleto, como para informar que tambem a materia soffre...

Ha poucos annos vivia ainda o ultimo representante da casa. Era Manuel de Villalva e Vieira, um estatuario da Escola de Bellas Artes de Pariz, que viera esfumar rememorações do seu talento de aventura na penumbra daquelle recanto.

Manuel, completo o curso, viveu alguns annos em Lisboa, onde o extremava a vida aventurosa e bohemia, a sua originalidade e perfeição d'Arte. Notabilizára-o, sobretudo, uma das ultimas obras a *Outra Venus* (mulher adolescida em vicio) um marmore em que realizou uma figura extranha, de curvas suaves e indecisas.

Chegou a Villa Cova uma tarde, lasso de nervos, com a

mãe, uma figura excentrica, espectral e branca, tão fóra da terra e do tempo que atravessava que dir-se-ia uma imagem sahida do *atelier* do Artista, symbolo de velha nobreza, esculpturada em horas de regressão.

Manuel, em Villa Cova, raro trabalhava. Vivia muito concentrado, ou a contemplar a paizagem adoecida, acertando a alma pela vida lenta das coisas, e accrescendo do seu desgosto a melancholia da pobre casa, agora um exquisito quadrante, relogio mysterioso de sombras...

A's horas lividas da tarde, vinha D. Leonor distrahir o filho, provocando, ouvindo de confissão as suas tristezas, simples e genial de amor, animando-o a falar-lhe como a uma confidente que sabe ouvir as mais extranhas queixas.

Sentavam-se os dois perto da presa, no toro d'um castanheiro, cavado em canapé, e ahi passavam horas, junto á levada, que seguia, lenta, a murmurar das suas magoas...

Extranhas creaturas! Ella, muito branca, n'uma attitude de santa, figura de sonho envelhecido, desdobrando da alma cansada, fios de voz repassados de ternura; elle, desalinhado, nevrotico, d'olhos torvos e distantes, barba negra e rala, cabelleira longa—um nazareno de côr e de tristeza, ora flectindo-se em gestos descompostos a sublinharem a sua palavra desatada e baça,—ora discreto, mudo, a ouvir D. Leonor que ia decifrando conformada, a sua figura esphingica de taciturno!

—Estás então mais sereno?—disse-lhe ella um dia, afagando com a mão longa e fina, amarfanhada e sedosa de velhice, a face terrea do Artista. Vi que trabalhaste hoje muito. Ia ha pouco procurar-te, estar comtigo, mas não passei da porta do *atelier*. Não deste por mim? Não, que eu voltei devagar, acertando os passos aos tempos do escopro. Continuando assim, acabarás breve a tua obra, que deve ter vencido o modelo. Não creio que a mulher que te cortou a mocidade, o riso, possa ser assim...

Não t'o digo por odio. Eu não quero mal a Rosina. Não quero mal a alguem...

Sabes como ouço a historia dos teus amores. Não tens segrêdos para a tua mãe e ainda bem. A tua infelicidade é, afinal, um caso vulgar, de que o proprio coração te salvará, quando Deus lá couber...

Has de considerar um dia o que vales, quando souberes o que Rosina valia!

E, de repente como que a distrahi-lo da conversa. Porque não vamos passear?

Queres ir ao Outeiro da Trappa?

—E' longe, disse o artista.

—Não é, fica a dois passos...

—Oh minha mãe, temos aqui a verdadeira Trappa! A nossa casa é um convento de silencio e sombras!

Se Deus e as minhas magoas pudessem entender-se, eu valeria em provações, a regra dos monges brancos.

Eu creio que a Lenda anda errada. Foi aqui de certo, que o nosso antepassado quiz fundar o Convento...

Dizia bem n'este retiro da tristeza. Sente-se aqui a paz sombria dos cemiterios. E, entretanto, mal posso conformar-me com este silencio evocador! Já só existo nas minhas lembranças. Penso que é a minha antiga sombra quem me projecta!

E' a propria dôr que me vae suavisando o velho martyrio dos sentidos.

Sinto-me morrer aos pedaços, mas presinto que será o peito o ultimo a morrer!

Como quer que seja, só admitto Deus em ti! Ha horas em que o impio ganha pelo soffrimento direito á assistencia d'Elle.

Se Elle se nega, ou abre condições á desgraça, só existe para os bons...

Oh! em ti, minha mãe, sei eu que Elle vive!

—Na vida só o desespero pode tornar-se irremediavel.

Não blasphemes! Deus sabe a razão dos nossos desgostos, saberá perdoar os nossos erros...

Eleva o pensamento a Deus e expulsa do coração tudo o que te distrahir d'Elle. Agradece-lhe as amarguras, a Vida, o talento...

Ah! não foi de certo a lembrança de Rosina que deu á tua estatua a Belleza que ella tem!

Rosina não pode ser assim; só o talento, que é de Deus...

—Oh minha mãe, como estás em erro! Aquelle marmore é uma sombra d'ella, uma sombra branca que se espectra da minha treva para que os outros a distingam bem na noite que eu sou, e que a propria Arte é para mim.

Mas os encantos da sua ineffavel figura jamais voltarei a possui-los!

E, no entretanto, ainda hontem julguei ve-la mover o corpo atravez do véo de marmore que a veste em parte. Quando trabalhava parecia-me que a propria figura regulava o escopro, resistindo aos menores caprichos. E quando lhe moldei o peito, que ergue como uma urna, imaginei ouvir-lhe ainda o coração. Foi engano. Era o meu...

Havia no seu collo um véo de marmore a mais. Pareceu-me...

Resistira, contra minha vontade, ao aço. Beijeia-a n'uma allucinação de dor, de amor...

Era um véo de neve, que trouxe nos labios frios. Ficou o busto nu, perfeito...

Oh, minha mãe! perdoa que te fale assim. Mas tu não és como as outras mães. Comprehendes que toda a desgraça é innocente, ouves toda a desgraça.

E's tão divina, tão divina, que te supponho superiormente humana. Por isso te conto as minhas miserias, como o faria, eu sei! a Deus, se feito homem voltasse a este mundo.

E, n'uma sombra livida de riso:—tambem se viesse não era a Villa Cova, e para conversar-me... Só tu podes ouvir-me, sabes ouvir-me!

Tu e... Rosina! Ella! Rosina, que foi o capricho da minha vida, da minha Arte, que eu vi n'um tablado de theatro a chorar e a rir casos d'Arte, a mulher que eu encontrei ebria, corpo nú, alternando de infamia a gloria ephemera dos palcos—como hei-de eu, mordido dos seus desprezos, do seu animo quebradiço e futil, suppô-la capaz de ouvir-me, irmana-la comtigo que és mais para mim do que eu proprio—o meu avesso em pureza!

Ah! como fugiu baixamente aos meus carinhos. Como era vulgar, rasteira,—a sua alma de comediante. Cansou-a o meu amor, tecido de impertinencias, arrebatamentos, zelos. Vive hoje como antes de conhecer-me—a desfiar affectos, caprichos!

Foi no que deram tres annos de amarguras, de culto, de devoção incondicional por ella!...

—Ha só um culto que nos compensa, Manuel: E' o que votamos a Deus.

—E que mal fiz a Deus, para que permittisse o inferno em que tenha vivido?

—Elle lá sabe a razão das torturas que distribue. Eu agradeço-lhe as tuas proprias torturas, que me têem forrado de dôr! Lembro-me de que és o ultimo da familia, e Deus quer talvez remir em ti faltas dos nossos. Mas deve estar a acabar o teu desgosto. Faze por esquecer Rosina. Olha que foi Elle de certo quem determinou que te abandonasse. Não era digna do teu amor!

E Deus só protege os amores dignos—aquelles que a sua Egreja sacramenta. Esquece-a...

—Oh! minha Mãe, que infelicidade a minha. Afinal ninguem pode comprehender-me, nem tu! Vejo agora que és menos humana do que divina!

Olha que antes de conhece-la, encontrei dezenas de mulheres honestas. Soube a vida de Rosina, conheci alguns dos seus amantes; ella propria me contou episodios da sua torpeza; horrorisou-me de maldade, ainda mais de *vida indifferente*, que é a vida do theatro, e, afinal, vim a cahir na rede dos seus encantos de mulher de palco, de mulher de toda a gente!...

Um dia disse-me:—creio que não tenho sentimento algum proprio. Apprendi no theatro a encarnar o momento.

Pois era quando falava assim que mais me exaltava e prendia.

E hoje, desprezado, substituido por um futil, uma das muitas creaturas inferiores que mobilam os camarins, sinto-me mais prêso a ella do que nunca. Approximo-me mais de Rosina ao passo que me afasto de mim.

Ha horas em que me conheço distante; e, no entretanto, jamais deixo de ve-la, de senti-la. Onde quer que seja, estou com ella. Creio que vou endoidecer! Oh, o sonho d'esta noite!

Imaginei-me em Cintra. Era sob o céo fresco da ramaria, na Pena...

Nós, Rosina e eu, acolhidos á penumbra d'aquellas arcarias verdes descansavamos. Eu vivia esperanças; ella—a vida dependente e passiva das sombras...

Subito, chamei-a a mim com caricias. Fitou-me triste, descorou o olhar de verdete n'uma expressão de meiguice e disse-me:—Vê como é feio ser pobre! Para não usar joias inferiores uso o collo nu; sinto n'elle os olhos de toda a gente! Nem uma joia me defende...

E eu anciado, louco, evoquei o Genio do Futuro. E suppliquei-lhe, pedi-lhe que me deixasse antecipar nas conquistas do possivel; que só o desfalcaria em favor de Rosina...

Assentiu. Tornou-me humanamente divino! Utilizei o fogo em rubis; christalizei gottas de absintho, de mar,—queria esmeraldas novas; lembrei-me das tuas lagrimas que me deram perolas de pureza, joias santas; finalmente dei-me a gelar sentimentos, e obtive pedras mysteriosas, indecisas. Tudo regeitou!...

Curvei-me sobre o collo d'ella, e lancei-lhe um collar de beijos. Vi-a brilhante dos meus affectos, orgulhoso e timido de que a escaldassem!

Tudo desprezou. Queria as joias que deslumbram nas vidraças, as que têem preço nos palcos... Fugiu. Corri atraz d'ella, até que a perdi de vista quando entrou n'um vapor que, longe, no mar, a esperava. Seguiu com ella, pesado das suas ingratidões e do meu cuidado...

E o mar, coalhado de barcas, com velas em triangulo, parecia semeado de azas quebradas de borboleta que se tornaram negras quando o vapor seguiu.

Era o mar alado da minha desventura, veleiro das minhas saudades...

Tu choras, minha mãe, perdoa. Eu sinto-me enlouquecer. Embriagou-me a dôr, e por isso te crucifico na minha ignonimia.

—Não te arrependas, disse D. Leonor, já serena, de me associar ás tuas desventuras. Consola-me a propria dôr de partilha-las. As lagrimas são precisas na vida...

Vamos rezar. Estão a bater as Trindades. E ergueu-se, fazendo o signal da cruz, e rezando alto a oração da tarde:—"O anjo do senhor annunciou a Maria..."

As sinetas das capellas continuvam lentas a pulsar as horas do Mysterio.

Manuel levantou-se, afogando o olhar nas ondas d'aquelle som religioso, que, subito, recoloriu de melancholia a planicie baixa...

Era ao tempo em que Rosina apeava junto do velho Morgadío, a perguntar pelo Artista.

Inesperadamente manchou o religioso scenario a sua figura de madona, exquisitamente bella, entrando no velho claustro com o ar sereno e indifferente de quem encarna o acaso.

—Rosina! gritou Manuel, correndo a encara-la perto, somnambulo, abysmado no desvairamento de quem encontra uma figura de fumo, em sonhos, e tem medo de toca-la, de desfaze-la.

E Rosina, friamente, tacteando os bandós ruivos da sua cabeça fulva de poente:

IMPERATOR

De Christiano de Carvalho

—Aqui me tens, meu doido! E olha que só li parte das tuas queixas, um terço das tuas cartas. Não tive horas para te ler todo. Pariz não é Villa Cova. E a proposito:—estás vingado. Se te não tivesse vingado a imbecilidade do homem porque te deixei, desaggravar-te-ia a caminhada a que me obrigaste. Não sei andar para traz, se soubesse não estava aqui; teria regressado á estação, experimentada a primeira legua. Imaginas lá os tratos que tive de supportar!

—Oh! Rosina. Estás então ao pé de mim; és minha? E abraçava-a, nevrotico, n'um enleio doido!

Tinha passado a hora das Trindades. Ao longe, nos campos de Villa-Moura, mulheres, curvadas sobre o linho, labutavam ainda nas arrigas. E a sua voz, arrastada e pura, immaculada d'Arte, desdobrava dolente o canto anonymo dos campos... Era á hora em que D. Leonor, espectral e branca, vulto de tortura e luar, atravessava o Ribeiro de Mára, que seguia, como um espelho liquido de magoas cansadas a morrer nos campos.

Acompanhava-a o mordomo, ainda mais velho do que ella, cabisbaixo, a distancia, caricatural e fino,—homem do povo polido pelo trato nobre—muito magro, trôpego, indifferente...

Quando chegaram ao planalto do Loureiro, D. Leonor parou, fatigada, espraiando o olhar tôrvo pelos campos baixos de Villa Cova, e depois pelo casarão sombrio, que se extendia em borrão, como a annunciar que era d'alli que a noite ia subir.

Mal distinguia a velha casa, agora turva da noite e amores que a consumiam...

De repente, toldou-se-lhe de todo o olhar; ajoelhou forçada; evocou a Senhora do Loureiro, que na capella em frente dominava o monte—encarou por momentos a sua figura suave de mau granito; e morreu a fita-la, e a pedir-lhe por Manuel...

Passaram mezes, horas dolorosas para Artista, saudoso da mãe, perdido de amores pela amante.

A's horas uteis do dia, quando o sol córa os fructos, tonalizando o espaço de labaredas estonteantes, convulsões tôrvas de vida fecunda, ia elle, em segredo, internar-se n'um recanto escuro, fechado de sombras, cauteloso da amante,—corporizar no marmore a alma branca de D. Leonor. E, entretanto, a estatua de Rosina quedava como a vira a mãe, incompleta, abandonada...

A pouco e pouco o novo marmore se impressionara da imaginação do estatuario, e a figura de D. Leonor se ia revelando na camara escura das sombras. Dos seis palmos de pedra sobresahia a mãe do Artista, senhoril e pura, alteando, ineffavel, o seu perfil de santa.

De noite, horas mortas, Manuel via-a surdir em sonhos, d'entre a escuridão, a mover-se—rosando-se, suave, das côres discretas da velhice, as côres que legára ás rosas que no monte a haviam amortalhado...

Discorria brando o dia.
Dia sereno e baço.
Havia uma hora que o Artista trabalhava, devoto da imagem da mãe, que sobresahia branca—do marmore, do seu amor...
Subito, ouviu chamar. Era o rendeiro a participar que Rosina tinha partido a tomar o comboio em Mosteirô, e lhe mandava uma carta.
—Deixa ver, disse nervoso, rompendo o sobrescripto. A carta dizia:

Manuel:

Passou o imprevisto da nossa reconciliação, o grande motivo que me trouxe a Villa Cova. Não posso mais supportar as sombras do pobre logarejo, aggravadas do teu amor, zeloso do meu passado, perdida de ociosidade e aborrecimentos. Todas as repetições cansam, os proprios carinhos... A's vezes eras aborrecido, enjoativo como um noivo! Eu tenho de meu a independencia e a mocidade...
Não devo á tua aldea o sacrificio do humilde patrimonio. Hasde comprehende-lo, quando o esquecimento te deixar ver.
E o esquecimento virá breve. Não imagines que vou com programma; sigo com o Destino. Vou vender a minha Arte, que é a mocidade, pelo unico preço porque devo vende-la—o prazer. Sei que virias commigo, se t'o propuzesse. Mas para que?
Devemos separar-nos. Não ha em mim um resto de capricho que me detenha junto de ti. Eras de ha muito, a meu lado, um mysterio devassado, um capricho desfeito...
Nem o tumultuar dos zelos, nem as violencias doentias do teu amor podiam já entreter a tua

Rosina.

Manuel, lida a carta, cahiu succumbido n'uma preguiceira leve de rippa, marasmado, cabisbaixo...
Subito levantou-se e, depois de pequenas ordens, seguiu sereno o caminho que, mezes antes, a mãe percorrera.
Ia em perseguição da amante. Mas, ao passo que se approximava do alto do Loureiro, ia amainando o passo. Chegado ao logar, onde D. Leonor morrera, descobriu-se, commovido.
E, chamado por um poder mysterioso, encarou a imagem da Senhora do Loureiro, que da empena da capella parecia domina-lo com o seu olhar de pedra.
Manuel baixou os olhos, e deu-se a memorar o passado, pesadellos, horrores da baixeza de muitos annos—n'uma lucta intima, dolorosa...
Pouco e pouco foi presentindo desenredar o mysterio intimo que fôra, e de que se sabia agora um infimo pretexto! Volveu a encarar a imagem, e pareceu-lhe ver surgir do granito a figura suave da mãe, a sorrir-lhe, animada das côres discretas da sua velhice pura!...

Fixou-a mais até que a viu desapparecer nas feições cavadas do sagrado granito!

Desceu rapidamente a collina, retrocedeu a Villa Cova—e foi, com devoção, para o velho recanto da quinta, continuar o trabalho interrompido horas antes, revelar em marmore a figura dulcissima de D. Leonor.

Era ás Trindades. Cruzavam o espaço, fios de som, que vinham das capellas dos outeiros perder-se nos montes humildes.

O Artista levantou-se e rezou, sereno, a oração da tarde, mezes antes interrompida.

O carinho de D. Leonor dera a Villa Cova um novo milagre, por ventura o ultimo, um milagre de Amor...

Continuavam lentas as orações dos bronzes, desmanchando-se em nodoas de som sobre a ramaria de Villa Cova, agora serena, attenta.

A tarde descera sobre os montes pelliçados o véo rôxo das horas mysteriosas, que, ao longe, sombras fundas esfarrapavam!

Calára-se o canto das arrigas, o proprio Hymno clangoroso do chão; haviam emmudecido as mulheres, as cigarras, as rans, agora esparsas nas lagoas, fulgindo como joias de Tolêdo, cortando a agua devagar...

Rezavam os humildes, os poderosos, a Terra!

Nuvens de fumo alavam até ao Céo os segredos mais fundos dos casaes.

Hora sagrada!

Villa Cova vivia o ideal selvagem e fidalgo de se deixar governar por Deus!

A Casa, desconjunctada, era um monumento de Humildade que as sombras ajoelhavam.

Hora mysteriosa! O sol tombava e no seu adeus tudo banhava de religiosidade, dando á Terra a expressão livida d'um interior de Cathedral, esfumando penumbras rôxas, mysteriosas de saudade.

Tudo celebrava o milagre...

Manuel quedára, attento, a fitar a Mãe, devoto, religioso!

E, pela imaginação, animou a estatua, que continuou lenta a rezar, ao tom dos sinos, as Ave-Marias, na sua vóz branca de amor, de mármore!...

Ancêde, 1912.

Do livro de «Contos», no prélo:
—*Os Doentes da Beleza.*

IMORTALIDADE

Não te quizera ver fria como as geleiras.
Inerte ao meu abraço e indolente ao meu beijo,
Na tristeza hibernal das ruinas e das freiras!

Labios fremindo ao sopro ardente do Desejo,
Olhos amplos de amor meu amor anceiando,
Assim te quero ver e em meus sonhos te vejo.

Harpa de oiro e coral aos meus dedos vibrando
A canção que meu sangue e os nervos meus exalta
E me faz todo amor para morrer amando!

Dar-te-ei o que não tens, dar-me-ás quanto me falta,
E num ente completo iremos pelo mundo
Desafiando o céu e a perfeição mais alta.

Só—não serás fecunda e não serei fecundo...
Murcharás, murcharei inutil e mesquinho
Como um deus renegado, idiota e vagabundo.

Offerta-me teu vinho e bebe do meu vinho,
O teu é doce e claro, o meu é rubro e quente,
Juntos farão vergel do deserto maninho!

Para um futuro ser não basta um ser somente...
O pollen não dá flôr por um desejo vago,
Nem resume o pistillo a origem da semente.

Trazes tua belleza e meu vigor eu trago...
O espirito da força e o espirito da graça,
A alegria, o ideal, a rigidez, o affago,

A aza leve do luar que avelluda e esvoaça,
A aza régia do sol destemerosa e forte,
Harmonia que doire a tristeza e a desgraça,

Poder que pise o mundo e sobrepuje a sorte,
Tudo que alegre a Vida e integralize o Bello,
Tudo que vença o Tempo e viva além da Morte;

Tudo dar-lhe-emos nós: da côr do teu cabello,
Dos meus olhos á côr; do teu rosto de rosa
A's minhas mãos de bronze!... E um dia, o Forte!... E' vel-o!...

O glorioso producto, é ver, a victoriosa
Forma, do que melhor eu tive e tu tiveste:
Corpo viril guardando uma alma luminosa!

E' ver o Triumphador, a Nova-Vida, neste
Filho do nosso amor, amando e sendo amado,
Porque soube animar o espirito celeste,
A hellena perfeição do marmore sagrado!

ALEXANDRE HERCULANO

Em Val de Lobos. Poente. O olhar bebendo as notas claras,
Que as azas vêm de riscar na pauta azul do Firmamento,
Sosinho, o Historiador scisma... Um sino, o vinho-amor das Aras
Pinga no ar, e, o vinho-amor da Vida entorna a voz do vento.

O Solitario estremece... Alegres vão gentes ignaras
Cantando... Que outro paiz lhes ouve o riso e o soffrimento?...
E parece-lhe escutar sobre as cidades e as searas
—O' lingua de Portugal, amortalhaes o Pensamento!...

Dos pinheiros e choupaes a fala o aterra e o desconforta:
—Nenhum povo saberá de *Eurico*, além do lusitano!
A tua lingua sendo morta, a tua Obra será morta!

O sonho, sempre maior, ditou:—Mentiu a Natureza!
Os teus livros ficarão, vencendo as Eras, Herculano,
Urnas de oiro guardando o crystal da Lingua Portugueza.

Rio de Janeiro.

(Da "Sombra Fecunda", a apparecer)

Alvaro de Moraes

ERMOS

Outro que eu fui armei ao sol a minha tenda,
Sol a morrer... Embebo os olhos, scismo:
Longe de sombra e Lenda...
Cava-se mais o abysmo,
Profunda a Noite aos poucos se insinua,
Ceus concavos espiando a apparição da Lua!

Os echos emmudecem,
Os montes entristecem,
Dormentes de scismar, transido o vôo...
A medo, nas somnambulas aldeias,
Accendem-se candeias...
Sobre os paúes em febre um halito estagnou!

Nem um rumor. Silencio. Uma ave paira,
Azas brilhando, mergulhando em sombra...
Agoiro. O olhar desvaira,
O Medo assombra!

Ha paizagens no Ar, chimericas, e doentes
Da nossa exaltação. A Noite ao ver-nos pasma!
Somos ausentes...
Fujo de mim e vejo-me phantasma!

Horror! Horror! Materia succumbida!
Arripiado, somnabulo transporte!
O Medo nos desgasta:
Somos a humana, a expiatória casta,
Somos relevos tragicos da Vida,
Religiosos de Morte...

A Noite dorme.
Sonha silencio. O Tempo escuta o sonho enorme.

Subito — flécha douda,
Um grito vara a Noite e a Noite fréme toda,
Relampago na morta escuridão!
E perto, longe, eterno e momentaneo...
Revolta humana ou esforço subterraneo?!
Quem se perde na Noite e grita de afflicção?

Drama a silencio e tréva:
A voz ferindo o abysmo o Vento a léva...

Dentro de nós, em echos interiores,
Ha paizagens de panico a falar,
E mudas horas mortas,
Vento phantastico a bater ás portas,
Chuva a cair, oceanica, do Ar;
O Silencio acordando em lagrymas e suores!

E a Noite dentro em nós,
Humilha-se de chôro e humana voz!

Erram Apparições phantasticas e vagas,
E são nevoas somnambulas as fragas,
A Noite em fluido se insinua...

Somos o vago, o esparso, a nevoa que fluctua,
Azul dormencia...

Nossa esculptura, argila humanisada,
Desfaz-se em pó... Somos divina Ausencia,
Noite transfigurada!

Do livro "O Ultimo Lusiada„ a sair breve em edição da "Renascença Portuguesa„.

Mario Beirão

Cartas de João de Lemos

II

Quinta d'Anta 19 de Dezembro de 1881.

Ill.mo Ex.mo Snr.

Tendo decorrido tão pouco tempo, depois que V. Ex.a se condoeu da desgraça da pobre filha do correio de Maiorca, concedendo-lhe o logar do pae, dando-lhe assim o pedaço de pão de que tanto carecia, mal pensava eu que teria já de recorrer novamente ao seu bom coração, a pedir-lhe para que não consinta que lho arrebatem por intigras e vingançasinhas politicas.

Sou insuspeitissimo nesta protecção que dou áquella gente que mal conheço, e tinha alguns motivos de queixa do falecido pae, como V. Ex.a sabe, e logo o disse quando me interessei a seu favor da primeira vez, em que esqueci tudo só para me lembrar da sua desventura. Alem disto, comquanto eu seja legitimista, como V. Ex.a

sabe e toda a gente, tenho aqui seguido, eleitoralmente, o partido regenerador por ligaçõis pessoaes de amizade e parentesco, e o falecido correio de Maiorca era progressista, outra razão de ser insuspeito.

Consta-me, porém, que é disto que alguns regeneradores (de inconveniente politica vingativa sempre *e muito mais sendo posthuma) se tem querido valer, promovendo uma syndicancia, e allegando não sei que outras coisas contra a pobre filha do correio de Maiorca, não só* por aquella má politica vingativa *mas tambem* para lhe tirarem o tal bocadinho de pão que a ella tanto remedeia, com o fim, *segundo me dizem, de o dar a* outra que nada preciza.

Peço-lhe pois m.to e m.to *que se não deixe de levar de surpreza. Longe e muito longe de mim proteger um correio infiel; mas não creio na infidelidade da pobre rapariga, e creio na intriga com que lha attribuem. Bem sabe V. Ex.a o que são terras pequenas que se nutrem de mexericos e se mordem de invejas.*

Do espirito de rectidão de V. Ex.a espero confiadamente que nada fará senão com provas irrecusaveis; e da sua benevolencia para comigo, que se digne tambem ouvir-me sobre o caso, porque sou eu aqui o que tenho mais larga correspondencia.

Conheço que V. Ex.a deve ter o tempo muito preso mas, se pudesse tirar um quarto d'hora para me dizer alguma coisa a este respeito, muito me obsequiava. Debalde tenho esperado o livro que me prometteu — Castello de Monsão, *creio que se chamava.*

Desejo a V. Ex.a tudo bom, porque sou com muita consideração e estima,

De V. Ex.a
M.to Vnd.or e Am.o Obgd.o

João de Lemos S. C. B.

ILHA DOS AMORES (estudo)

De Columbano Bordalo Pinheiro

Ao adormecer a minha filha

Maria, tu enches a alma,
Enches o mundo da gente!
Pequenina que nos braços
A tua Mãe mal te sente.

Tu és o riso, és a lagrima,
A vida do nosso lar!
Tu és o meu coração,
Ora a rir, ora a chorar.

És a Piedade, a Ternura
O Amôr, a Esperança Nossa!
Andam sempre as nossas vidas
Abraçadinhas à vossa!

És a Luz, és a Alegria
Que à nossa casa chegou;
Nossa senhora te trouxe
E a sua graça te deixou.

Meu Amôr é pequenino,
Pois mal enche a minha mão:
E' tão grande o meu amôr,
Não cabe no coração!

Ali findam nos teus labios
As alegrias dos meus;
E as tuas lagrimas são
Dos meus olhos e dos teus!

Longe de ti nada existe,
E não se admire a gente:
O amôr dá vida real
A esta vida apparente!

1912

Maria da G. Teixeira de Vasconcellos

A LUCTA PELA IMORTALIDADE

A minha Mulher

O TEMPO E O ESPAÇO

O **problema** da imortalidade existe, porque o empirismo se não basta.

Se, com efeito, ao pensamento fosse possivel a pura vagabundagem pelo actual, então a realidade seria absoluta, instantanea e una. Nem morte, nem vida; apenas o absoluto instante. Mas já nós não conseguimos formular a hipotese sem que a contradição surgisse. Se apenas fosse o instante, nem teriamos podido desdobrar possibilidades, nem teriamos vagabundagem pelo actual, mas tão somente o puro actual. Essa vagabundagem pelo actual presupõe uma consciência espectadôra que, unificando as actualidades, dê o sêr á hipotese. Eis uma primeira e irremediavel dificuldade para o empirismo.

A sua obesa teimosia poderá lembrar que o instante é abstração e que o real não é de instantes mas de durações. Assim é, com verdade. Todavia profundêmos.

Ou essas durações são *exauridas* (isto é, sem realidade intima a estudar) e apenas posteriormente cheias do real recebido, ou são actualidades qualitativas.

No primeiro caso, já seria o tempo uma forma a priori, consequentemente não empirica, e, mais ainda, organisada de molde a receber o real. Do empirismo teriamos saltado a um alto e complexo apriorismo.

No segundo caso, teriamos um duplo trabalho a fazer. Unificar as diferentes actualidades qualitatívas—o que postularia formas superiores fazendo um Mundo desses diferentes mundos estranhos; procurar a ordem no interior dessas absurdas actualidades já pluralisadas visto que não instantaneas; e, por ultimo, achar a ponte que, de dentro, entre si ligasse essas primeiras pluralidades.

Assim é, para o tempo, insubsistente o empirismo.

Tambem nunca existiu empirismo puro, nem mesmo nos animaes inferiores.

Em relação ao espaço é egualmente impossivel o empirismo.

Qual seria o espaço dado?

O imediato qualitativo dos fenomenos?

Mas esse espaço seria a extensão dos corpos, que varia com o calôr, e essa mesma variação carece do espaço e dum espaço convenientemente organisado.

Quanto ao espaço de pontos, inutil é a critica; seria, só por si, um *não-sêr,* como o tempo de instantes.

O espaço seria o logar da fenomenalidade?

O empirista não pode admitir tal espaço senão como um abstracto passivo (unica abstração não vedada ao empirista coerente) dos parciaes espaços imediatos. Esse espaço não seria o logar dos fenomenos, porque estes, já em si, existem no espaço, mas seria a coleção dos logares dos corpos. Permanecia o problema para cada corpo e, em relação ao todo, ficaria inutilisado o movimento natural, pois que os corpos só violentamente (e essa violencia ainda deslocaria o problema e pediria espaço organico para o resolver) poderiam ser afastados dos seus *logares naturaes*. Nem o tempo, nem o espaço empiricos podem dar ou receber unidade, pois são já pluralidades em si.

Assim é para todas as formas vulgares do empirismo. Ha, no entanto, formas requintadas do empirismo, que cumpre examinar. Para salvar as dificuldades do empirismo vulgar, faz-se um intencional desdobramento da realidade. Supõe-se, como dado, a experiencia, e divide-se esse dado em materia e forma. A' materia pertence a pluralidade do fenomeno, á forma a unidade do fenomeno. Assim o espaço e o tempo preexistem aos fenomenos que são pluralidades, n'eles e por eles, ordenadas. Mas como seriam os fenomenos adaptados aos seus recepientes, se não estivessem já no espaço e no tempo? E como existiriam (mesmo em possibilidade) absolutas pluralidades? Em suma, como unir esta forma e esta materia?

Fazendo-as reciprocas condições da experiencia. Assim o fez Kant. O fenomeno existe, quando a parte X da *Experiencia* $X + A = Y$ *aparece*, como X_A, nos moldes A do sujeito que conhece. Este empirismo teria afirmado, assim, a irreductilidade da actividade do sujeito. Mas tal não acontece, porque a seguir diz que do sujeito Z só conhecemos a aparencia Z_A.

Como, sendo tudo indeterminado, calcular então o A, senão supondo uma primeira experiencia dada, que permita pôr $X + A = T$ e $X = M$? [1]

Quer dizer que se supõe uma experiencia total perfeita $Y = T$ e uma parte imperfeita e caótica, mas ainda assim existente, que é $X = M$.

Para essa presuposta experiencia vale a critica já feita ao empirismo vulgar. De modo que o mundo no espaço e no tempo, que é a minima afirmação realista, não é garantido pelo empirismo, e, por isso mesmo, não justifica o ilusionismo que o empirismo formalista, sob todas as formas, [2] obrigatoriamente conclue.

De resto, o formalismo teria um tempo e um espaço inarticulados, o que é contrario á minima exigencia de realidade. Com efeito, já o proprio espaço geometrico é para admirar a espectativa ingenua dos puros formalistas. Se o espaço é pura forma, sem conteúdo e para sempre dada, como explicar a incomensurabilidade de de certas linhas, a indeterminação do paralelismo (necessidade do postulado de Euclides) a par da perfeita determinação do perpendicularismo?

[1] Sendo T e M quantidades conhecidas.
[2] E' conhecido o seu proteismo. – Kant, Schopenhauer, Spencer, etc.

E como explicar o *evolucionismo* dialectico do espaço e do tempo, vindos desde a geometria e mecanica até á fisica, quimica e biologia, desde o espaço e o tempo de Galileu, até ao espaço e ao tempo de Lorentz, até á hereditariedade?

Como aplicar as conclusões ilusionistas do formalismo kantista, que tirou o espaço e o tempo de Galileu das formulas $X + A = T$ e $X = M$, ao tempo e espaço da biologia, etc?

O empirismo não basta, pois, á minima realidade.

A realidade é dialectica, e a dialectica não parte dum dado absoluto, mas dum provisorio minimo de realidade, que progressivamente se hade garantir, enriquecendo-se. Não é dum espaço e dum tempo absoluto que parte o movimento dialectico, mas dum espaço e dum tempo formaes e materiaes, isto é, com unidade e pluralidade; o seu ponto de partida é o momento cartesiano, é o "cogito„. Pensamento que, não sendo ôca abstração, é já, desde o inicio, ação e reação, esforço unificadôr de pluralidades resistentes. A marcha dialectica demonstra-se caminhando; e, então, a realidade se vai acrescendo em volume e consistencia, como na marcha, se vai englobando a avalanche.

O espaço e o tempo não são formas feitas, que só poderiam receber a materia que a elas se adaptasse, nem são *materia-cousa,* porque são progressivas e subordinadas. Assim se compreende que o espaço e o tempo sejam em diferentes momentos, que, necessitando os inferiores, possibilitam os superiores.

Se nós chegarmos na marcha dialectica até ás realidades supremas, encontrarêmos, como taes, as monadas activas, como mostramos na nossa obra o "Criacionismo„.

Então o espaço e o tempo aparecem como os meios de ação das monadas, e, a *posteriori,* se conclue que o espaço e o tempo são formas *a priori* da ação.

O espaço euclidiano será o primitivo, pois é a simples possibilidade da ação; dele, com efeito, se derivam todos os outros, como já mostramos na citada obra. A possibilidade da ação minima é a linha récta representando, com o tempo de Galileu, a reciprocidade de ação de dous pontos materiaes.

Todos os determinismos scientificos terão, pois, uma sub-estructura mecanica. Assim é; e só assim desaparece o absurdo das teorias scientificas, que, negando certos invariantes mecanicos, *deles* se servem na pesquisa e definição dos novos invariantes, substitutos dos antigos, pelos sabios, com notavel ingenuidade e ingratidão, declarados falsos.

Por isso é que todas as sciencias trazem ao espaço e ao tempo, portanto ao movimento, novas determinações.

O determinismo do espaço e do tempo pelas sciencias é outro aspecto da sua realidade de formas *a priori* da ação. Onde ha ação concluimos um certo espaço num certo tempo, dum certo determinismo scientifico concluirêmos um certo espaço e tempo.

Dada a ação concluimos as suas formas, dados os determinismos scientificos concluimos uma certa subestructura dos *a priori* da ação.

Suponhamos, com efeito, sêres inteligentes planos vivendo de encontro ao seu planeta constituido por uma serie (1) de planos, articulados convenientemente. Esses sêres terão, como formas a priori de ação, o espaço plano e o tempo de Galileu. Esse espaço e esse tempo bastam para uma primeira *realisação* dialectica do seu mundo. Mas os seus fisicos descobrem um dia que as reflexões da luz (que eles conheciam pelas relações notadas entre as noticias dos jornaes dos diferentes planos) dependem duma variavel, que não conseguem encontrar na constituição do seu meio cosmico. Assim, em partes equivalentes (pela forma, pela quimica, etc.), a luz ora se reflecte, ora se extingue. De outra parte, já, ha muito, tinham eles descoberto umas irregularidades injustificadas no comportamento de certos fenomenos fisicos, como a energia dos seus fluidos, etc. E ainda os seus geometras tentavam, ha muito, suprimir um escandaloso postulado que lhes era preciso para a completa *exaustão* do seu espaço—e que era o postulado da egualdade das figuras simetricas, que sem poderem justapôr, *consideravam eguaes, com invencivel evidencia.*

Por tudo isto resolveram os sabios dar uma nova dimensão ao seu espaço, e desse modo grande assombro fizeram entre os mediocres lá da terra, que proclamaram a bancarrota duma sciência, modificava as suas *imagens-cousas* da *Cousa-Realidade.*

Ora, nesse mundo, uma filosofia genial, velhinha sem rugas cuja velhice só os trajos acusavam, tinha afirmado a imortalidade da alma, isto é, da ação. Tinha, por isso, dado a essa ação, formas *a priori;* e, como o seu mundo fosse ainda desconhecido, deu, ás almas, longinquas moradas, de acordo com o merito respectivo.

Algum tempo depois, esse mundo invensivel adquiriu presença real no planeta, em bondade e amôr absoluto; então, e porque se fosse alargando o conhecimento do planeta, um novo apriori foi preciso para morada desse invisivel de possivel presença planetaria.

Assim se conceberam transcendentes moradas das almas, das quaes um seu poeta veio a ter a visão genial. Revertendo de novo, ao humano, a historia do imaginado planeta, vêmos a anomalia dos triedos simetricos, que, sendo formados de elementos eguaes, não são eguaes; as neo-geometrias, certas dificuldades de stereoquimica, da optica, etc., um logar logico para o espaço Lorentz, etc. De outro lado, a geografia (deixem dizer) das virtudes de Platão até ao transcendentalismo das moradas catolicas e Dante, o genial guia.

Consciente ou inconscientemente, todo o pensamento faz do espaço e do tempo formas da ação, que não se amolda passivamente a elas, mas as subordina ao determinismo do seu agir.

Quer na ação imediata dos sêres, quer na estricta determinação scientifica, sempre o espaço e o tempo minimos (2) são determinados.

Mas os sêres serão sêres reaes ou meras aparencias e exclusivos resultados?

(1) Se os filosofos formalistas fossem encarregados da creação dum certo mundo fisico veriam como o espaço tem articulações.

(2) Sabe-se que queremos dizer espaço e tempo de Galileu.

A APARENCIA E A REALIDADE

Com a analise, que acabamos de fazer, arredamos, ao mesmo tempo, o empirismo que a unica realidade dos fenomenos no espaço e no tempo mostra insuficiente, vicioso, contradictorio e absurdo e o *ilusionismo*, que um espaço e um tempo puramente formaes necessariamente arrastariam.

Suprimimos, pois, a dualidade: aparencia-realidade?

Não a suprimimos; mas explicamo-la, mostrando que a mascara, que aparece, veste um rosto que a modela, e por isso mesmo, ela exprime.

A distinção entre aparencia e realidade é vulgar e vem desde a correção das percepções por uma mais aturada atenção, e da explicação scientifica da aparencia como resultado de realidades que se combinam, até á justificação filosofica da aparencia como o logar das actividades, a reciprocidade de determinação das ultimas realidades [1].

Estas distinções entre a aparencia e a realidade são realistas e nunca poderão introdusir um radical agnosticismo.

O agnosticismo pode entrar por outros meios. Pode sêr o ventrudo agnosticismo dos positivistas, que é de ordem empirica e, portanto, abandonado e nulo.

Pode sêr um agnosticismo critico afirmativo, que da analise do conhecimento, conclua o relativismo humano da aparencia; e, pode sêr um agnosticismo metodologico e prudente, que evite juizos sobre o real para não encerrar a serie explicativa sempre em possivel progresso e modificação.

O agnosticismo afirmativo resulta do formalismo, que, para o tempo e espaço, já discutimos, e para as outras formas recebe a mesma critica.

Resta o agnosticismo metodologico, que é demasiadamente prudente, pois tudo seria construido sobre postulados, que se não tivessem entranhas de verdade, impossivel fariam ação eficaz alicerçada em tão precaria arquitetura.

Este agnosticismo admitirá a incomensurabilidade do sêr com a dialectica do pensamento, ou a possivel negação das noções por futuras noções superiores.

A incomensurabilidade é recebida como um facto, ou posta como uma hipotese; afirmar que é um facto é regressar ao empirismo absurdo e irreal. Afirmar que é uma hipotese é, sob pena de vacuidade da propria hipotese, dizer somente que a realidade não é de *todo dada*, sem tirar, antes postulando-o a propria hipotese, o valôr á realidade dialectica conhecida; é afirmar o desconhecida em *face e por virtude* do conhecido, e não um incognoscivel.

A possivel negação de realidades dialecticas por novas realidades, que as subordinem, é possivel, é real, é a propria realidade. Mas é preciso vêr que especie de negação é essa. O espaço geral

(1) Vê-se porque excluo o absoluto monismo. *Um* seria, não apareceria.

não nega o espaço euclidiano, porque o espaço geral é apenas uma determinação superior do espaço enclidiano; o espaço e o tempo de Lorentz não negam o espaço e o tempo de Galileu, porque sem estes não existiriam aqueles; a massa electro-magnetica não nega a massa mecanica, porque sem a energia nada seria tal massa e nada seria a energia sem a massa mecanica.

Se as segundas noções negam as primeiras, somente lhe negam a realidade absoluta de cousas, em si e por si existentes. Assim no trabalho scientifico, onde se procura, ao requinte, redusir o superior ao inferior. No pensamento filosofico maior deve ser a prevenção contra a idolatria por determinadas realidades. Se o pensamento scientífico tem o direito de deslocar as dificuldades, ensaiando sempre metaforas da ordem do determinismo puro, isto é, da ordem mecanica, o pensamento filosofico deve cuidar-se da realidade, que a metafora finge. E assim se verificam quaes são as noções que não poderão desaparecer e que, em mais altas sinteses, sempre existirão.

Exemplifiquemos:

Platão, para quem a realidade é dialectica, apresenta entre outros argumentos a favor da imortalidade da alma, o da incompatibilidade dos contrarios.

Phedon, depois de aceitar a doutrina das ideias e da participação e ter respondido a Socrates sêr a alma que faz com que o corpo viva, é obrigado a admitir a imortabilidade, pois não poderá a alma receber a morte, que é o contrario da sua essencia.

Que defeito tem este argumento? Apenas o defeito geral, aliás meramente acidental, da dialectica platonica—sêr a dialectica ingenua dum pensamento demasiadamente credulo.

As categorias gramaticaes, e as relações mais evidentes de posição e oposição, são prontamente aplicadas a realidades pouco garantidas por muito imediatas.

Que falta ao argumento de Platão para têr valôr?

Uma melhor dialectica biologica e psicologica.

Quanta a esta, já anteriormente a este novo argumento, ele tinha achado um irreductivel psicologico.

Já, com efeito, Platão, antecendendo Kant, tinha mostrado como a ideia de egualdade não pode vir da experiência, antes a constitue; já com efeito, Platão, prevendo certo epifenomenismo contemporaneo, dera a Socrates retumbante victoria sobre a alma-harmonia, que apresentara Simias.

Falta-lhe, no entanto, uma dialectica biologica que, em face da dialectica psicologica, fisesse a destrinça dos respectivos irreductiveis, isto é, da vida e da alma e a demonstração da irreductibilidade.

A DUPLA PROVA DO CRIACIONISMO

Por nós, não admitirêmos que novas noções venham suprimir os irreductiveis a que uma dialectica global (da sciência, da etica e de estetica) tenha dado realidade.

Não quer isto dizer que afirmêmos uma filosofia da discontinuidade.

Se se entende por filosofia da continuidade uma filosofia onde as realidades tenham uma unidade interna, é o criacionismo uma filosofia da continuidade. E é então o inferior, que recebe realidade do superior que o subordina e determina. E' esse o caminho da dialectica scientifica, é essa a conclusão final do movimento filosofico.

Se se entende por filosofia da continuidade a transcendentalisação do artificio ([1]) scientifico das metaforas de ordem mecanica, então deixarêmos tal obra filosofica aos pessimos poetas-metafisicos do mundo do tacto e senso muscular. A vida não pode vir destruir a mecanica, a fisica, etc, pois, nelas e por elas, se realisa. Tambem nenhuma nova realidade poderá vir a suprimir a vida, ou a consciencia.

Redusir a vida a mecanica, fisica ou quimica é um interessante absurdo, pois é querer achar a hereditariedade, com o que é *essencialmente* a não-heredetariedade. Querer redusir a consciencia á vida é dum lado suprimir toda a realidade por ter apagado a consciencia, doutro lado confundir o tempo biologico inscrito no organismo com o tempo da consciencia, liberto e previdente. Isto é que seria a irremediavel discontinuidade, pois a realidade precisaria permanentemente dum Deus *ex machina*, que fizesse os differentes arranjos materiaes e correlativamente os epifenomenos de vida e consciencia, e que ainda, alinhasse, em filas paralelas, estes com aqueles, num tempo de instantes dispersos, por ele violentamente unidos.

Noutro sentido trabalha esse errado desejo de continuidade, quando procura no inferior o germen do superior.

Sim, e aqui a realidade scientifica se declara simples aparencia para a filosofia; de certo que a vida e a consciencia penetram no que vulgarmente chamamos materia, mas nunca poderão suprimir o que scientificamente se achou como seus necessarios constituintes ou elementos.

Poderá um dia achar-se que certas leis fisicas, isto é, leis em que a materia é sem herança ou evolução que exceda o simples resultado, são apenas a expressão estatistica de insignificantes, mas reaes, ações de elementos.

Nunca tal descoberta suprimirá a sua realidade fisica (que seria agora, a sua diferença de ritmo de ação relativamente a nós), nunca suprimiria a realidade mecanica sem o qual esses elementos não poderiam, entre si, agir.

Afirmamos, pois, uma veridica continuidade, sob o aspecto duma discontinuidade petulante.

Deste modo é dupla a prova criacionista da imortalidade da alma.

A primeira prova é a demonstação da sua irreductivel realidade. Quem demonstrar a irreductibilidade da alma, jámais terá o receio do seu aniquilamento. Ninguem acredita em aniquilamentos; outro sentido não têm os atomos e todos os simples de cujo arranjo se formam os compostos, que são apenas *resultados*.

([1]) Artificio justificado porque em todo o real ha longes mecanicos.

ESTUDO

De Domingos Sequeira

Ora nós mostramos a sua irreductibilidade de noção e não de mera forma, pois que as formas puras de nada servem, nem existem.

A convição do aniquilamento da alma vem, no pensamento vulgar, de nada vêr este para alem do imediato; no pensamento filosofico vem da sua noção de *alma resultado*, que obriga a procurar elementos que serão os atomos, para diminuir a enormidade do desconchavo, supostos animados dum rudimento de alma.

Os primeiros, deixando de vêr ações, declaram aniquilado o sêr activo; os segundos pretendem justificar esse aniquilamento por uma teoria da alma. Esta teoria é absurda e contradictoria, como todo o atomismo, que se dê por absoluto. Os primeiros não são para atender no que dizem, mas talvez no que querem dizer haja uma dificuldade.

Ha, com efeito, uma dificuldade aparente e um limite. A dificuldade aparente seria formulada dando á Consciencia o que se recusa ás consciencias.

Dizer que como a Vida é continua embora os sêres vivos sejam transitorios, tambem a Consciencia seria continua, embora as consciencias desaparecessem.

Mesmo para a Vida só é verdadeira a afirmação, considerando a Vida no seu momento da dialectica scientífica, porque subindo até á realidade filosofica, ha monadas vivas. Para a consciencia é flagrante a ilusão. Cada consciencia é um irreductivel, porque o seu sêr é sêr em si e para si.

O que significaria uma Consciencia Somatorio das consciencias?

E' repetir os absurdos do atomismo partindo das consciencias particulares como atomos.

De resto, ninguem apagou jamais nessa Consciencia as consciencias particulares.

Para Spinosa subsiste da alma humana tudo o que pertence à sua essencia, e pertence à sua essencia tudo o que ela concebe sob o ponto de vista da eternidade. Quer dizer que, o que é propriamente a alma é eterno.

Tanto quanto as almas foram, elas serão.

Foram em Deus; são em Deus; e, em Deus, hão de sêr.

A sua imortalidade é o amor intelectual de Deus. A sua existencia propria, essencial é-lhes conservada intacta.

Se deste panteismo divino saltarmos ao panteismo satanico de Schopenhauer, vêmos que, sendo a vontade a realidade essencial, ela se objectiva em diferentes forças e sêres. O grau de objectividade dá as formas especificas de que os individuos são repetições no tempo; mas no homem o grau de objectivação, que chega a sêr *individualmente original*, forma o caracter inteligivel. Assim quer no panteismo intelectual, quer no panteismo voluntarista, permanecem os sêres particulares em sua essencia e realidade. Se isto acontece no panteismo, idolatra da Unidade, é porque impossivel se torna a dissolução das consciencias na Consciencia. Era, com efeito, fingir a permanencia do que seria irremediavelmente perdido; era, apenas fazer, mais uma vez, metaforas de ordem mecanica. Esta é a

dificuldade aparente que ainda poderia arranjar na Consciencia sorvedouro para as consciencias.

O limite de que falamos é um outro problema aflitivo e perturbadôr.

Encontramo-nos, com efeito, numa situação embaraçada: A alma é imortal; mas a alma é actividade, eis-nos, pois, afirmando uma actividade ([1]) que não actúa e, mais ainda, que não compreendemos como possa actuar.

Se nós compreendessemos como ela poderia actuar, seria menor a dificuldade, pois poderiamos supor-lhe ação para nós desconhecida por falta de meios reveladôres.

Ora tal possibilidade é demonstrada pelos indiscutiveis fenomenos da telepatia, em que a ação se dá fóra do alcance e das leis dos meios normaes de comunicação. Tal possibilidade é demonstrada pelos fenomenos *experimentaes* da transmissão de pensamento fóra dos meios e leis normaes.

A nossa situação torna-se melhor, visto que já compreendemos a possibilidade de ação dessa actividade, que concluiamos existir, e que nos parecia condenada á inação.

Mas resta o limite, que é posto ao nosso conhecimento, que quereria saber dessa ação.

Será provisorio, será definitivo esse limite?

Desse lado ha, por agora, *promessas* afirmativas.

A este limite chamamos aflictivo e perturbador; ele o é, porque o homem não aguenta o esforço da especulação, precisa que a realidade o envolva e se lhe dê em imediatas imposições.

Se tivesse firmesa e coragem de pensamento seria sensivel á irrespondivel prova da dialectica creacionista.

Mas uma nova prova apresenta tal dialectica.

Demonstrado o pensamento como realidade irreductivel, defenido o Universo em monadas, a realidade em vontades, uma nova garantia de imortalidade existe; é a eficacia do pensamento, a vontade de eterno, a *luta pela imortalidade.*

O esforço desenvolve as virtualidades e só na ação se conhecem os sêres. Conhecem-se, trocam o valôr e o apoio, e voltam à intranha vontade com novos desejos de ação. Poucos homens podem *sentir* a eternidade, porque poucos têm sêr original, mas aqueles, que, uma vez, *originalmente* pensaram ou amaram o Todo, sentiram a evidencia da sua imortalidade.

De encontro ao obstaculo se desenvolve e engradece a vida, na luta se encontram e fecundam os desejos. A area da ação mede o valôr de desejo, que, chegado ao limite, descobre novos horisontes a tentar. Como subiu a vida?

Quebrando a inercia e lançando a audacia; e assim, a marcha foi vôo, o vôo locomotiva.

Como subiu a consciência?

Fixando o passado e criando o futuro.

A saudade é a vista desse esforço de eterno, que é a historia terrestre de consciência.

Recordação e ideal são os dois polos da consciência, que assim possue o passado e determina o futuro. Esse esforço de eterno ergeu as Piramides e as civilisações, fez as epopeias e os templos.

E este é o profundo sentido metafisico da Experiência. A experiência real não é a frustre exiguidade dos factos, mas a historia do esforço, o rosto da vontade, o *corpo* da moral. A essencia é a vontade alando-se do minimo do equilibrio mecanico ao permanente excesso de ação, fluidisando em seiva o *corpo* moral ou experiência.

E' perfeito equilibrio e instantaneo abraço, a tendencia, o desejo, a vontade sonolenta, e, por fim, a livre vontade amorosa e ilimitada.

Quem sustenta os orbes, quem ergue a seiva á flor, quem leva os olhos aos ceus, quem espalha as almas pelos astros?

O livre excesso ou ilimitada vontade; mas vontade real, imanente e luminosa, de ser pensante e liberto.

Spinosa dava a imortalidadeao que era nas almas a sua essencia, e essa era a sua visão em Deus pensado.

O creacionismo tem Deus pensado e pensante, em ação e sonho, em promessa e saudade.

A visão em Deus não é a recta dos silogismos, mas a aspiração envolvente das almas, a linha ideal do universal acordo.

Por isso a sua imortalidade é uma vontade de eterna harmonia universal, de cosmica e pura fraternidade.

Pensamento activo e criadôr o dessa vontade, que, pela absoluta harmonia, realisaria o progresso sem destruição, o crescer integro e rectilineo.

Quem determinou já as barreiras da vida?

De forma em forma, até á mais simples, ela afirma a sua força de viver.

E, tão longe quanto se vá, a origem é mais além, porque é no Cosmos; e nenhum espaço e nenhum tempo a podem limitar, porque ela os subordina e faz seus na eterna essencia do seu sêr.

Quem mediu os limites da consciência?

Se sistoliso os desejos, eis que os mundos giram, sem atritos, no ilimitado oceano da minha vontnde, e eis que os meus desejos regressam á minha alma em sinfonica epopeia de dôres e amôres.

Sêr imortal é *procurar* e cumprir a cosmica lei de amôr, é arder em santa vontade redimida.

Schopenhauer conhecia bem a omnipotencia dessa vontade capaz de negar o mundo e conquistar a Unidade.

Para nós, essa vontade santa afirmaria, só por si, a sua essencia divina e o poder de dar, ao mundo e no mundo, a lei do amôr e do dever.

Retirado ao tempo e ao espaço, o absoluto substancial ou formal, destruida está a tirania metafisica do erro, da ilusão, e da morte.

Esforcêmo-nos pela imortalidade, e ela será, *consciente e plena.*

Dia de Entrudo de 1913.

Leonardo Coimbra

LISBOA PREISTORICA

A ESTAÇÃO NEOLITICA DA CÊRCA DOS JERONIMOS

A **cêrca** do convento dos Jeronimos, hoje pertença da Casa Pia de Lisboa, extende-se ao norte dos edificios primitivos ou substituidos do mosteiro, primeiro numa inclinação suave e larga, depois trepando apressadamente uma colina, dominada à esquerda por uma capela branca, gotica joia entre arvores tristes, ao centro por um moinho abandonado, e à direita pelas elevações do Bonchão e Cemiterio d'Ajuda, em plano mais afastado. Toda murada, abrange o vasto trato de terreno que decorre entre as terras do Hipodromo e o pequenino vale cujo *talveg* segue paralelamente à Rua dos Jeronimos e à estrada que a continua, ocupando toda a lomba esquerda desse vale, deixando a outra lomba ao casario de Alcolena e Memoria. Com os seus 700 metros de largura e quasi outro tanto de comprimento, todos de boas terras de cultura, olival espalhado e agua abundante, quasi à beira do Rio, mostra-nos bem o que valia um presente real nesses tempos passados de conquistas e de miséria publica.

Na parte esquerda a cêrca serve agora de campo de experiencias de cultura a uma Repartição de Agronomia e Zootecnia, lá instalada; na parte direita é terreno de lavoura, cortado de oliveiras velhas, centenarias algumas, e na sua zona inferior, ao começar da encosta, abrem-se varias pedreiras, donde se tem extraído o material para muitos dos edificios reedificados do mosteiro. Precisamente nesta parte, no terreno sobranceiro à maior pedreira e nos pendôres ligeiros do já citado vale, foi que se descobriram casualmente alguns vestigios de uma povoação preistorica, habitada durante a idade da pedra polida e provavelmente nas primeiras epocas do metal, cobre e bronze.

Recolhidos alguns objectos por um dos professôres da Casa Pia, foram pelo mesmo colocados no museusinho enciclopedico que a mesma Instituição possue para instrucção dos alunos. Ahi os vi e interessado pelo assunto, que de tão perto se prendia com outros trabalhos meus [1], diriji-me ao local do descobrimento, e percorrendo-o com cuidado, minuciosamente, consegui alcançar um perfeito conhecimento da area da estação, muito maior do que a julgavam, e reunir um espolio abundante que me habilita a descrever com segurança mais este pedaço da Lisboa preistorica.

E' sempre interessante recolher no sub-solo de uma cidade

(1) Lisboa Preistorica, I. A estação neolitica dos Sete Moinhos, e II. A estação neolitica de Vila Pouca (Monsanto).

moderna os signaes claros da vida de outros povos, remotos avoengos dos actuaes habitadôres; maior interesse que esses descobrimentos teem contudo as aproximações que espontaneamente se fazem entre esses vestigios e certos objectos usados actualmente pelos povos selvagens das varias partes do mundo. Não representa novidade esta afirmação da existencia hodierna de povos em condicções de vida identicas ás dos povos das idades da pedra polida e lascada.

E' a Etnografia comparada que preside a todas as aproximações deste genero. Nela vae a Arqueologia encontrar modelos que a ajudam a reconstituir a vida daqueles povos cujos vestigios materiaes encontra nos antigos lugares de habitação ou sepultura. Dois pontos principalmente vísa o auxílio que uma demanda à outra; o conhecimento das condições de existencia dos povos selvagens, e o dos seus rudimentares processos industriaes, porque é nesses povos, actuaes ou desaparecidos recentemente (povos caçadôres e pescadores da Oceania, Africa e America, cujo desenvolvimento se atrofiou) que se vão encontrar alguns dos traços essenciaes que caracterisam as primeiras tribus humanas que ocupáram a Europa. As semelhanças nas condições de existencia e no dominio industrial, não provam porem origem comum; um mesmo determinismo explica, sem se recorrer a monogenismos escusados, a paridade dos objectos que compõem a ferramenta e armamento habitual das tribus incultas, actuaes e preistoricas. Necessidades comuns origináram tipos mais ou menos similares de utensilios e armas; o *coup de poing*, o machado polido e as pontas de silex e rochas congeneres, são objectos comuns a todas as raças ante-historicos do Velho e Novo Mundo. O estudo que farei da estação e do seu espolio correrá pois entre o presente e o passado, completado um com o valioso auxílio dc outro.

A primeira e principal preocupação do homem na Vida, é a de subsistir. A subsistencia implica sempre a alimentação e a defesa; a alimentação procurou-a o homem em todos os tempos, na caça, na pesca, na agricultura; a defesa, na escolha dos lugares de habitação e no fabrico de armas adequadas. A varias manifestações materiaes dessas necessidades me terei de referir aqui, descrevendo primeiro o lugar da estação, sua area, topografia e condições de vida, a seguir, os varios tipos de objectos que constituem o rude trem caseiro de que o indigena da cêrca dos Jeronimos se rodeava.

Como o selvagem actual, o homem preistorico quando se estabilizava, escolhia para mansão os lugares onde mais facilmente podesse escapar aos outros homens e aos animaes: alturas de dificil acesso, vales reconditos, cavernas; quando essas condições de segurança faltavam, preferia os pontos onde ao menos obtivesse com fartura a caça, a agua, e o materíal necessario para o fabrico dos seus utensilios e armas. A abundancia de qualquer das cousas mencionadas, era o facto determínante do estacionamento da familia ou da tribu. Vejamos até que ponto as condições apontadas concorrem na estação de que me ocupo.

A estação ocupa um largo espaço semi-circular, parte em planalto, parte sobre a frente da encosta e os pendôres que escorrem para o talveg do vale que a separa de Alcolena. Esse vale, pouco profundo, é semelhante a outros que desde Lisboa, pela costa adeante até ao mar, servem de desaguadouro ás pequenas ribeiras do interior. Quando os relevos do terreno marginal em que ora assentam os bairros novos da cidade não estavam mascarados, destruidos ou modificados pelo moderno traçado das arterias e disposição das moradias, divisam-se muitos destes pequenos vales pelo córte que abriam no muro das colinas ribeirinhas, desde o Terreiro do Paço a Belem. Podem vêr-se alguns, naquele grande plano de Lisboa, de azulejo, que guarnece parte do atrio do Museu de Arte Antiga, nas Janelas Verdes, porque o antigo caminho litoral nele representado, tem de galgar varias pequenas e bem desenhadas pontes, de um só e mais arcos. Pela maior parte acham-se transformados em ruas, tendo perdido os primitivos nomes de cursos de agua: rios, ribeiros, regueirões, caneiros.

Quero apontar a este respeito uma sobrevivencia curiosa que se dá num desses valeiros, a Este do Palacio da Ajuda, ainda visivel devido a uma enorme pedreira que lhe alargou desmesuradamente o leito. A rua que lhe corre no *talveg* chama-se do Rio Secco, e um largo onde se espraia, o largo do Rio Secco. O mais curioso é que sobre o leito da rua, ainda hoje se conserva uma autentica ponte, que pela solidez da construção não mostra desejos de deixar tão cêdo o seu lugar. Esta sobrevivencia no onmastico é tanto mais para notar, quando ao lado dessa rua existem umas poucas de travessas e becos crismadas com nomes de homens celebres, remotos ou recentes.

Foi pois o abrigo das vertentes de um destes citados vales de Lisboa que a tribu ou familia que fundou a povoação escolheu para as suas palhoças, a quem outras elevações mais distantes protegiam contra as ventanias asperas.

Para o lado da margem, um amontoado de calcareos, esventrados hoje pelas pedreiras, formaria um morro natural de defesa, embora a situação aberta do lugar me faça antes julgar a aldeia pacificamente entregue aos labôres da navegação e da pesca. Os indigenas não procuravam ali decerto outra cousa mais que a proximidade do rio e o conchêgo do vale, onde corria o ribeiro de agua doce, indispensavel á vida.

Mas a agua do ribeiro, que sempre podia falhar, pelos estios, tinha a substitui-la a esplendida agua que pelos arredores brota em abundancia e de que são amostras suficientes as mães-d'agua de Alcolena e o grande tanque da cêrca, fóra outras nascentes que já se sumiram; é vêr o que os auctôres do seculo XVII e XVIII diziam a esse respeito, quando se ocupavam do convento.

No Dicionario Geografico, por exemplo, o P.e Luiz Cardozo referindo-se á cêrca, a paginas 139 do vol. II, fá-lo nos termos seguintes. "Tem dilatada cêrca, toda murada, alem de outras terras que estão fóra dos muros, com duas Ermidas, huma de S. Jeronymo

e outra de hum Santo Christo de pedra, muy bem lavradas: he *abundante de agoas*, e tem huma perene fonte para regar os pomares, que constão de toda a casta de fruta, com muitas vinhas e olivaes, e hum bosque a que chamão o cunchozo, povoado de arvores silvestres, aonde se vem vestigios de huma *celebrada fonte*, junto do qual jantava muitas vezes o senhor Rey D. João o IV, e alli passava a calma„ ([1]).

Quem sabe se esta fonte antiga, junto da qual o rei João IV se aprazia, não era a autentica representante dum manancial da povoação preistorica? Não seria esse um exemplo isolado; basta citar as fontes da Citania de Briteíros (Guimarães) e a do Castro da Rotura (Setubal), uma e outra perfeitamente conservadas.

A abundancia de agua potavel, tornava este ponto da costa um local de eleição. Arvoredo e caça não faltariam, pois que milhares de anos cahidos ainda as florestas cobriam grande parte do nosso paiz. Mas o grande recurso, causa decerto principal da estabilidade da aldeia, era a proximidade do Rio, então mais largo que hoje, pois que o Tejo tem perdido bastante do seu leito devido a enormes aterros, que até ficaram no onomastico; por documentos, escritos e desenhos, se conhece como chegava á igreja de Santos, inundava Alcantara e a sua ponte, lambia os palacios da Junqueira e deixava a Torre bloqueada.

Aqui em Belem, abria-se na costa uma larga enseada cujo arco no ponto mais excentrico vinha distar uns 20 metros apenas

([1]) Na Biblioteca Nacional existe com o n.º 8.842, um manuscrito intitulado "Relação da Insigne e Real Caza de S.ta Maria de Bellem....„ onde se encontram muito curiosas informações sobre os edificios e cêrca do Mosteiro dos Jeronimos. Em pag. 63 refere o manuscrito a grandeza da cêrca: "Tem o cerco deste Mosteiro no ambito do que está á roda murado 2696 varas, que importam treze mil coatro centos outenta palmos,„; a sua abundancia de agua potavel, "e por ser muita neste sitio a abundancia de aguas„, e finalmente, esta curiosa narração: "Mas porem não se deve deixar, nem calar-se hum Bosque bem deleitavel, que se chama o Cunchozo, que ahi está dentro de hum *Valle comprido que fica de hua e outra parte das ilhargus cercado de levantadas pedreiras* que ahi formou a natureza, bem coberto todo de varias arvores silvestres, que por ser tudo de tanto agrado e da acceitação de hum tão grande Monarca como o Snr. elRey D. João VI, merece toda a boa estimação: huma vês cada somana se aproveitava o dito Rey depois do devertimento da cassa que por este cerco fazia, em recolher a este sitio para nelle descançar e tomar para refeição do corpo algum mantimento„.

Aproveitaram os frades o ensejo de se tornarem agradaveis ao rei, e construiram no local um pequeno pavilhão de caça e uma bela fonte, cuja agua cahindo em cascata sobre um penhasco, fazia escrever ao cronista do manuscrito 8.842: "suas aguas cristalinas se estavam vendo, que como em lagrimas por entre elle as despedia, objecto de tanto agrado para este tão grande Monarcha que lhe servio de motivo a compôr com singular elegancia e mellodia hum terno de ricas vozes na letra de hum bem feito villancico. A mesma fonte, que entre esses verdes arvoredos já estava em lagrimas desfazendo o seu muito amor e saudade, depois que o dito Rey faleceu se conservou, e da mesma sorte sua caza no dito sitio com o mais que nella havia, e juntamente a mesma letra e solfa do villancico, que nos pilares sobre que se formava o tecto da caza se tinha ahi mandado esculpir.„

Quasi escusava dizer que o vale do Cunchozo e o terreno circunjacente, constituem o assento da povoação preistorica que estou descrevendo.

do mosteiro [1]. Essa enseada era de tempos imemoriaes um bom surgidouro onde vinham parar e donde seguiam viagem navios de todas as nacionalidades. A partida das naus da Descoberta, não foi um caso isolado na praia do Rastello.

Numa gravura da Academica de Belas Artes [2], datada de 1815, divisam-se perfeitamente os limites que as aguas alcançavam muito perto do mosteiro, cuja fechada era mais extensa que a do edificios hoje o cupado pela Casa Pia, e Museu Ethologico. O rio vinha poisa ficar a muito pequena distancia da estação, cousa de uns 300 metros. Na agua se passaria portanto a maior parte da vida dos habitantes.

A navegação, que é um facto provadissimo na epoca dos metaes, é-o para mim igualmente nos tempos anteriores; sem ella não se explicaria bem a existencia de *Kjökkenmödings* no curso inferior do Tejo, e na costa do mar, nas dunas da Albufeira e junto á foz do Odemira.

Outra circunstancia que decerto concorreu para fixar no lugar os povoadôres, foram os grossos môrros de calcareo hoje irreconheciveis pelo desgastar continuado das pedreiras. Na maior delas creio reconhecer vestigios de grutas. Era um situação apreciada aquela onde aflorassem os bancos de calcareo, porque neles se encontram sempre cavernas ou abrigos, muito do agrado dos preistoricos.

Reunia portanto este lugar todas as condições necessarias para o establecimento de uma povoação: proximidade do alimento, agua e abrigos.

Demorêmos um pouco a nossa attenção sobre os objectos que se encontra disseminados pela sua area, á superficie e a pequena fundura, e tentêmos por eles reconstituir um pouco da vida deste agregado social rudimentar.

(Conclue)

Virgilio Correia

[1] Mus 8.842 da B. Nacional, pag. 17. "Direito do Nascente ao Poente, corre a Frontaria e fachada da insigne fabrica do Real Mosteiro de Bellem, que faz sua perspectiva para a parte do Sul na distancia de *hum tiro de pedra* da mesma Praia do mar, que lhe fica bem de fronte e de premeio a estrada que he passagem commua de todas aquellas partes„

[2] Gravura n.º 857, com o titulo de "Vue du Couvent de S.t Jerome de Belem, et de l'entrée de la Barre de Lisbonne„. London. Published October 1815, by H. L'Evêque, 14 Brampton Row.

Nova teoria do sacrificio

IV

Pretendemos agora demonstrar que os mitos da mesma natureza do que estudamos no anterior artigo estão universalmente espalhados e que mesmo, nas diversas mitologias, alguns ocupam um logar de altissimo destaque.

Vamos apresenta-los sucintamente, socorrendo-nos de autorisadas informações, reservando para mais tarde a discussão da provavel edade d'esses mitos, filiação e possiveis inter-acções, discussão, de resto, quasi inutil para o nosso fim, que é tão somente constatar a larguissima expansão do singular tema do pecado original, para, seguidamente, apresentarmos a nossa teoria do sacrificio — a dramatisação da tradição da queda do homem.

Têm os mitos do pecado original um elemento comum, como já dissemos — um alimento produsir graves perturbações no homem. Já dissemos tambem a que facto, em nosso entender, respondiam essas narrativas, e no mito de Adão, admiravelmente conservado pela solicitude dos hebreus para com as suas tradições, vimos uma grande quantidade de pormenores que só a esse facto convinham. Estudamos algumas das causas que fazem variar a especificação do alimento productor da queda, duas das quaes, a confusão com o alimento da vida e o duplo sentido da palavra que significa alimento, pódem existir em todos os povos. Assim, o facto de em varias partes aparecerem mitos referentes a um alimento vegetal, póde ser explicado sem se recorrer sempre á hipótese da influencia de outros mitos, que, na verdade, algumas vezes é evidente.

Dividiremos a nossa exposição em dois grandes grupos de mitos: — os que dão como origem á queda um alimento vegetal, e os que se referem a um alimento animal. Notemos, no entanto, que, frequentemente, numa mesma região, ao lado dum mito do primeiro grupo se encontra outro do segundo. Esta observação tem alguma importancia para as nossas futuras conclusões.

Ha um mito siberiano que salienta duma maneira curiosa um dado em que já insistimos, prova de que a tradição primitiva não tinha a concisão que encontramos no Génesis, pois que elementos que aí figuram no estado de orgãos rudimentares se encontram em outros mitos com suficiente desenvolvimento.

Assim nos expõe de Gubernatis esse mito da Siberia: "Segundo este conto, no principio do mundo nasceu uma arvore sem ramos. Deus fez saír dela nove ramos, junto dos quaes nasceram nove homens, chefes predestinados de nove raças humanas. Deus permitiu

que os homens e os animaes se alimentassem com os frutos dos cinco ramos voltados para o Oriente, proibindo-lhes provarem dos frutos dos ramos ocidentaes. Pôz um cão e uma serpente de guarda a estes ramos, contra os homens e contra Erlik, o demonio seductor. Emquanto a serpente dormia, Erlik subiu á arvore e seduziu Edji, mulher de Törongoi, que, tendo comido o fruto proíbido, fez com que o seu companheiro comesse tambem. Então os dois, *que a principio estavam cobertos de pêlos* (esta tradição, comenta de Gubernatis, daria razão á descendencia do homem do macaco antropomorfo) *envergonhados da sua nudez,* ocultaram-se sob as arvores.„ ([1]) Diz-nos ainda o mesmo mito que foi este o primeiro pecado e que a seguir foi o homem instruido por um certo Mai-Teré ([2]).

Tambem Adão só conheceu a sciência depois do primeiro pecado.

Compare-se este mito com uma explicação budista da presença, no Tibet, de certas tribus de nariz achatado. Segundo essa explicação, descendem de dois macacos maravilhosos, metamorfoseados para povoarem o reino das neves. Como aprendessem a trabalhar a terra, colheram grão, comeram-no, e a sua cauda diminuiu gradualmente e o pêlo desapareceu. Começaram então a falar, tornaram-se homens e vestiram-se de folhas ([3]).

Neste tradição, duma forma tão simples, é indubitavel que se trata da *queda.* E' um alimento que produz a grande transformação do antropoide em homem, e ainda são notadas circunstancias comuns ao mito do génesis, até com mais nitidez, como a queda do pêlo, vestuario de folhas; outras novas, mas que egualmente convêm a uma tradição do facto, como a origem da linguagem. Drama existe tambem nesse mito. Não se elevou o antropoide a homem?

Ainda no Tibet existe um mito semelhante ao do génesis, que nos vem mostrar como varia a natureza do alimento causador da desgraça.

"O estado paradisiaco no Tibet é de perfeição e espiritualidade. Mas o desejo de comer uma herva doce, chamada *Shima,* pôz fim a esta condição. Depois da queda veio a vergonha, a necessidade de vestuario. Foram impelidos á agricultura por precisão. A virtude desapareceu, e vieram os assassinatos e todos os outros vicios„ ([4]).

Mais um mito absolutamente analogo, da mesma região: "Segundo a religião de Lama, ou dos Calmucks, os homens, na primeira edade do mundo, viviam 80:000 anos. Eram alegres e felizes. Mas a sua felicidade terminou. Nasceu na terra uma planta doce como mel, que um homem voraz provou e fez provar aos outros. Sucedeu a isto um sentimento de pudor e d'aí por deante começou a vestir-se com folhas d'arvores. Duração e estatura decresceram. Desapareceu a virtude e começaram todos os crimes„ ([5]).

([1]) De Gubernatis — "La Mythologie des plantes„, tom. 1.º, pag. 28.
([2]) "Revue d'Histoire et Litterature religieuse„, vol. I, pag. 74, 1910.
([3]) Tylor — "La Civilisation Primitive„, vol. I, e pag. 436.
([4]) "The Encyclopedia Britannica„, v. Adam.
([5]) "The Encyclopedia Britannica„, id.

Mais outro mito dos Budistas. O budista, diz Tylor, deplora a edade em que os gloriosos seres etereos viviam sem pecado, sem sexo, sem necessidade da alimentação, e que durou até á hora aziaga em que provaram uma deliciosa espuma formada á superficie da terra, e caíram no pecado, tendo chegado com o tempo, por efeito da degradação, a comer arroz, a construir casas, a dividir a propriedade e a estabelecer castas... A vida do homem encurtou-se cada vez mais e foi o rei Mala Irgala que, depois do curto reinado de dusentos e cincoenta e dois mil anos, fez a descoberta do primeiro cabelo branco [1].

Entre as consequencias que produsiu a espuma em questão, notam-se as dores de parto e, duma maneira geral, a civilisação.

Relata-nos Oliveira Martins dois mitos da categoria dos que vimos tratando. Aí vão as proprias palavras do nosso ilustre compatriota: "O sinhala diz que no quinto periodo da energia creadora, os homens imortaes que então habitavam a terra, comeram certas hervas: então veio a morte, então se tornaram em macho e femea." [2]

E mais adeante: "A saga de Chapewi, entre os indios norte-americanos, diz que o primeiro homem, no paraiso, deu aos filhos duas comidas—a branca e a preta—e, proibindo-lhes tocar na segunda, foi de longada em busca do sol para o pôr a alumiar a terra. Voltou com o sol e os filhos não tinham pecado. Tornou a partir em busca da lua, mas, demorando-se, os filhos famintos devoraram a comida negra: por isso ficaram mortaes." [3]

Outro mito muito interessante, é o recolhido entre os Pangwé, habitantes dum territorio limitado pelo Congo francez, Guiné hespanhola e Camerun.

Esse mito é inteiramente analogo aos anteriores. Sama tem tres filhos: Modesa (o homem), Ngi (o gorilha), Oaa (o chimpanzé) e Oteng (a serpente). Um dia Sama partiu com tres dos seus filhos. levando quanto tinha, deixando Modesa (o homem) com uma mulher. Quando partiu disse a Modesa:—Demoro-me pouco. Ficarás aqui até ao meu regresso. Porta-te bem e, sobretudo, não comas um fruto que se chama *ebono*.

No caminho, Sama recorda-se que não deixára provisões a Modesa, e disse a Ngi (o gorilha):—Leva a Modesa frutos, milho, mandioca e, principalmente, fogo. Quando Ngi chegou á floresta, viu os frutos do cardamomo (que serve de alimento aos antropoides), pousou as provisões e começou a comer frutos. Apagou-se o fogo que levava, e resolveu não ir ter com o irmão, visto como aí tinha que comer.

Como Ngi não voltasse, Sama mandou Oaa, (o chimpanzé) com novas provisões. Mas Oaa ficou na floresta como Ngi.

Por fim foi Oteng (a serpente), mas, em vez de entregar as provisões a Modesa, aconselhou-o a comer o fruto proibido ebono, contando depois a Sama o conselho que dera ao irmão. Sama,

[1] Tylor—"Civilisation Primitive", vol. I, pag. 46
[2] Oliveira Martins—"Sistema de Mitos Religiosos", 1904, pag 138
[3] Oliv. Martins, id., id.

cheio de colera, expulsou a serpente e foi ter com Modesa e sua mulher, os quaes, vendo-o chegar, ocultaram-se atraz das bananeiras. Sama exclamou:—Porque foges! Comeste o fruto proibido? Dissera-te que esperasses a minha volta. Quanto a ti, mulher, tu parirás homens, mas morrerão. Sama abandonou-os e é desde então que os Pangwé conhecem a vergonha ([1]).

A aventura de Proserpina é uma variante do mito do pecado. Hades, ou Plutão, tem um jardim, onde, entre outros frutos, cultiva a romã. Um dia raptou Proserpina. Céres, sua mãe, procura-a por toda a parte, mas Proserpina só lhe será entregue se não provar fruto algum do jardim dos infernos. Assim o quer a lei das Parcas. Proserpina desobedeceu, colhendo uma romã e comendo-lhe sete grãos. Por essa desobediencia, o destino detem-na eternamente na infernal morada ([2]).

Littré, comentando esta passagem, e comparando-a ao mito adamico, diz: "Entre os dois mitos, biblico e helenico, ha uma semelhança longinqua sem duvida, mas fundamental. Em ambos um fruto ocasionou um grave acontecimento; em ambos seria necessario não os provar; em ambos figura a morte...

Um fruto provado, uma sentença ditada. Eis dois traços que nunca permitirão desviar a comparação das duas narrativas. A casualidade dos encontros não póde produzir o concurso de taes combinações„. ([3])

(Continúa)

Matosinhos 10-1-13

José Teixeira Rego

([1]) "L'Anthropologie„, tom. 21, pag. 352 (1910)
([2]) Ovidio—Met.
([3]) Littrè—"Fragments de Philosophie Positive„, pag. 315

BIBLIOGRAFIA

Publicações recebidas:

"A Elegia da Lenda„—Veiga Simões.
"Vida Extincta„—Felipe de Oliveira.